

O 25.º aniversário

da ordenação sacerdotal

e missa nova

do P.º Dr. Abel Varzim

foi ontem solenemente comemorado na Igreja da Vitória

Os 25 anos de vida sacerdotal do nosso querido e prezado amigo Rev. Padre Dr. Abel Varzim foram ontem solenemente comemorados na Igreja da Vitória, por iniciativa da Junta Central da Acção Católica.

E teve o maior brilho e esplendor o acontecimento. Presidiu às cerimónias o Sr. Arcebispo de Mililene, D. Manuel Trindade Salgueiro, que tomou lugar do lado do Evangelho depois de ter sido recebido, à porta da Igreja, acompanhado pelos Rev.ºs Mons. Domingos da Apresentação Fernandes, cônego António Freire Padre Dr. Sezinando Rosa e Padre Dr. Duarte de Araújo, pároco da Conceição Nova.

O templo estava completamente cheio.

As 10 horas houve missa solene, segundo o rito bracarense celebrada pelo Rev. Dr. Abel Varzim, acolitado pelos Rev.ºs Mons. Domingos da Apresentação Fernandes e Mons. Lopes da Cruz.

O Padre Arnaldo Duarte pregou sobre a grandeza do Sacerdócio

Após o ofertório o Rev. P.º Arnaldo Duarte proferiu eloquente alocução, que segue na íntegra:

Tudo o que existe é fruto do Amor:

— o Criador de tudo é o Espírito divino, o Amor substancial.

O Pai é chamado Criador, porque é a fonte de todo o ser, e d'Ele se gera o Verbo e dele procede o Espírito Santo. Mas o Criador imediato é o Espírito: «Enviai o vosso Espírito e tudo será criado».

A obra da criação do mundo é o transbordamento do Amor de Deus. A caridade, o amor, é pois, o princípio de toda a ordem natural.

Creator Spiritus.

É também o Espírito Santo o autor dos mistérios do Filho de Deus. «Foi concebido por obra do Espírito Santo. É Ele a fonte da vida de que nos alimentamos desde que, pelo Baptismo, nos tornamos filhos de Deus.

É Ele, o Espírito do Pentecostes,

quem inspira e guia a Hierarquia da Igreja.

Foi a Ele que os Apóstolos receberam no Cenáculo, e é por Ele o poder de governar, de ensinar e de santificar na Igreja, se transmite se transmitirá até ao fim dos tempos. A Caridade, o Amor, é pois, o princípio de toda a ordem sobrenatural.

Tudo desaparecerá: — a figura deste mundo, e todas as virtudes tomadas então inúteis; só a Caridade há-de permanecer. — pois será o estado definitivo e eterno da obra de Deus.

Esta visão do mundo, que é apenas um aspecto das ricas e ilimitadas realidades que vêm de Deus, é o critério mais seguro que nos permite julgar o que vale a vida dum homem.

Assim, a vida é tanto mais cheia, tanto mais útil, tanto mais digna, quanto mais contribui e mais directamente contribui para a realização do programa divino.

O mundo nasceu da Caridade; a vida sobrenatural também, pois ela mesma é caridade; o homem está destinado a voltar à sua origem, para se fixar eternamente no estado de caridade.

Colaborar, portanto, nesta obra de caridade, fazer caridade neste duplo movimento que sobe até Deus e desce para levar os homens até Ele; ter recebido esta missão do próprio Deus, e não ter mesmo outra missão senão esta, — e o estado mais perfeito do homem, é o estado sacerdotal.

Mandatado para *conduzir o mundo que é fruto da Caridade*, para a Caridade que é o seu termo, pela caridade que é a sua lei fundamental, só o sacerdote pode verdadeiramente repetir as palavras da Virgem-Mãe: «Fecit mihi magna qui potens est».

Ex.º e Rev.º Senhor,

Meus irmãos:

Recordo-me de ter lido, já não sei quando nem onde, uma lenda indiana que me comoveu. Um monge budista, passava numa floresta, todo entregue às suas cogitações sobre o nirvana, quando surpreendeu no cimo de uma árvore, saltitando inquieto e alito, piando assustado e recesso, um pobre e pequeno passarinho.

Procurando descobrir a causa daquela aflicção, viu o monge ali ao lado uma ave rapina, de garras prontas a despedaçar o pobre pássaro, de olhos fixos sobre ele, hipnotisando-o, prendendo-o.

Dizia a lenda que o bom do monge, movido de compaixão pelo passarinho, falou à ave de rapina e lhe disse que, se poupasse a vida daquela ave, lhe daria o peso dela da sua própria carne. E logo desceu do céu uma balança, e a operação começou: — O passarinho instalou-se num dos pratos da balança, e no outro foi o penitente colocando, a pouco e pouco, segundo a progressão feita, pedaços sangrentos da sua carne viva.

197
1

Mag o fiel da balança permanecia imóvel; e o certo é que o velho anacoreta teve de despojar-se de todo o seu corpo, e só então é que o prato da balança baixou, e o passarito se ergueu em voo alteroso, e o penitente fez a sua entrada triunfal no nirvana da sua esperança.

O que esta lenda indiana contém de poesia, encontra-se realizado na verdade do Sacerdócio católico.

O Padre é o homem da caridade. Tirado de entre os homens, e substituído naquelas coisas que são de Deus, a favor dos homens, o Padre vive dum paixão imensa: — sacrificar-se, na ara do dever e da caridade, em benefício dos homens seus irmãos.

Sabe que não é sacerdote para si, e sacerdote para os seus irmãos.

E quando se despojou de tudo — dos bens do mundo e do nome de família, dos prazeres do mundo e dos laços do sangue, dos louvores do mundo e das glórias do século; —

— e quando deu à sua inteligência um ideal único — Deus; — e ao seu coração uma paixão imensa — Deus; — e à sua vida um rumo definitivo — Deus;

— O sacerdote *pode dizer ao orgulho*: — passa o teu caminho! És a fraqueza, a timidez dos fortes! Não tens lugar aqui!

— e *pode dizer à sensualidade*: — diante de meus olhos esvoaçava, imaculada e pura, a branca vestimenta do uvero Galaar! Nasci para coisas mais altas.

— e *pode dizer à ambição*: — achate pequena na tua enormidade. Só consegues encher os peitos acanhados. Não cabem neste mundo os meus ideais!

Libertou-se de tudo, para se colocar ao serviço de todos. Não é de ninguém, para ser de toda a gente. Ordenou-se, ordenou a sua vida para servir.

Servir! — palavra que se escreve com seis letras, mas são seis letras que correspondem a toda uma economia social, como *suffer* são também seis letras que agrupadas traduzem o segredo da redenção.

Sofrer servindo, é uma forma heroica de se ser feliz. Que quem não sofre, não sabe aliviar sofrimentos; quem não chora, não sabe enxugar lágrimas.

E o Padre chora, porventura? Sim, chora. Homem da Caridade, não chora porque o mundo o despreza e cobre de insultos. Ele bem sabe que não é mais do que o Mestre; e enquanto o não pregarem numa cruz, ainda lhe não fazem como fizeram a J. Cristo.

Ele sabe que se o mundo o odeia, isso é sinal seguro de que é verdadeiro discípulo do Mestre. «Sabei que primeiro me odiou a mim»!

Ele sabe que tem de ser um testemunho vivo da Verdade, e que dizer a verdade ao mundo, e um dos melhores serviços que lhe pode prestar. Não fala para agradar aos homens, antes muitas vezes concita todos os ódios de todos os sinédrios e de todos os fariseus. Ele sabe que o seu dever é provocar o desassossego das consciências manchadas de pecado, e lançar nelas a inquietação que as leve ao arrependimento.

Sacerdote e Vítilma, sabe que tem de ser uma presença de Cristo no mundo, e por isso um sinal de contradição, um desafio lançado aos homens, àqueles homens que pautam a sua vida apenas pela prudência da carne, ou pelos interesses da política, ou pelo poder do dialeiro.

Assim, nada recua, nada teme; apenas lhe doi não poder obstar totalmente a que se percam as almas que o Senhor redimiu.

O Padre chora. Não porque os homens lhe são desgraçados. Ele sabe que fazer bem aos amigos é simplesmente ser-se grato. Também os gentios o fazem. Sabe que fazer bem aos desconhecidos é ser-se apenas generoso. Sabe que fazer bem aos inimigos, isso é que é fazer Caridade.

O Padre chora, sim!

— Chora no altar, porque vê que tem mãos de carne... chora a sua pobreza;

— chora no confessional, por ser pecador também... chora a sua miséria, a sua fraqueza;

— chora junto dos doentes, dos esfomeados, dos cegos, dos desgraçados, dos desprezados, — e quer ser, e procura ser a estrela que os guia, a luz que os ilumina, o pão que os sustente, o agasalho que os cubra, a alegria que os conforte, a graça que os santifique!

(Continua na 5.ª página)

194
2

E por isto que o padre chora. Ah! «este drama do padre — diz Maurício — nunca «linguê» o escreveu».

Assim, dizer que o Padre é um ser votado ao sacrificio e ao amor, é exprimir a mesma verdade, pois o seu sacrificio é um sacrificio de amor, e o seu amor um amor sacrificado.

Humanamente entende-se por amor o desejo de possuir, quando o verdadeiro amor consiste na necessidade de dar, e de dar-se totalmente. E o padre, ministro de Deus que é Caridade, outro Cristo, Sacerdote e Vítima, encarregado de continuar no mundo a obra da Redenção — suprema prova da Caridade de Deus! — como poderia o Padre consumir o Sacrificio que oferece todas as manhãs sobre o altar, se não começasse por dar-se a si mesmo como a Vítima três vezes Santa?!

Há apenas um Sacerdote — Cristo, Eis porque o Sacerdote, na Igreja, é uma função de apagamento. O Sacerdote não opera em seu nome. É Cristo que opera por ele.

Já Santo Agostinho dizia: «Pedro baptiza? É Cristo que baptiza. Paulo baptiza? É Cristo que baptiza». Mas

esta função instrumental do padre aparece muito mais clara na Penitência e na Eucaristia. O Padre não diz: — «que o Senhor te perdoe»; mas: — «Eu te absolvo». O Padre não diz: — «este é o corpo e o sangue de Cristo»; mas: — «isto é o meu corpo. Este é o meu sangue». De quem são estas palavras? De Cristo, único Sacerdote.

O Padre é, assim, um outro Cristo — alter Christus, — o que significa que é unido como Cristo, e hósta como Ele. Eis a razão porque a melhor pregação do Padre será sempre a sua vida, quando ela assim se identifica com a vida de Jesus Cristo.

«Pertransit beneficiando!». O Senhor passava fazendo o bem. O Senhor ainda hoje passa nos seus Padres, fazendo obra de caridade.

Meus irmãos: Alma generosa, banhada de ideal, que o espirito leva sempre aos lugares mais arriscados — o Padre deve ser, hoje mais do que nunca, uma alma enérgica de lutador.

Lutadores conosco e com os homens, e com os princípios que comprometem os homens, e com os costumes, que corrompem os princípios — poderemos repetir o que S. Bernardo dizia dos cavaleiros do Templo: «Vivos os mortos, pertencemos ao Senhor, Glória aos vencedores, bem-aventurados os Mártires!».

E para que o nosso inimigo não diga — «venho-os» como reza o livro dos salmos, levantamos ainda hoje o grito dos Templários: — «Não a nós, Senhor, não a nós, mas dá glória ao teu nome!».

Lutador, sim, atleta do Espirito, que no dizer de S. Paulo a espada do espirito é a palavra de Deus, não para matar mas para salvar os homens, — o padre não é o herói que mata, mas o herói que morre!

O sete divino que o distinguiu um dia, vêem-no os homens na paz e no amor que espalha a sua volta: no bem que leva às almas, conduzindo-as ao dever e à virtude; na firmeza e energia com que denuncia as injustiças duma sociedade que se baseia na força e na violência; na intransigência com que censura as sensualidades avidas de todo o lado baixo do sentimento, de todo o lado podre do coração.

Arauto de Deus, vigia da cidade, sal da terra e luz do mundo, companheiro e amparo dos infelizes, pai dos órfãos e arrimo dos desgraçados — é o Padre como aquelas palmeiras do deserto a que chamam *tamari-caspi*, e que recolhem durante a noite a escassa frescura do ambiente, para a deixar cair, em gotas de água quando o calor aperta, sobre as ervas ressequidas, que vivem à sua volta.

Homem de Deus, ao altar vai ele buscar a vida que vai repartindo, a graça que vai espalhando, a força de que carece, e a alegria que é fruto da renúncia e da penitência.

Liberto das inquietações do mundo, não tem motivos para ser triste. Nem a riqueza, nem a glória, nem o respeito humano o preocupam.

No exercício constante da Caridade, a sua alma entra numa paz que nada pode perturbar. Não a paz que dá o mundo — como ensina o Evangelho — mas a paz de Cristo. Não a alegria de que goza o mundo,

Francisco nas suas Florinhas, em narrativa tão simples e tão seráfica, que nos pode servir de fecho a esta pobre palestra.

Era uma tarde de inverno, tarde fria de gelar os ossos. S. Francisco de Assis e o irmão Leão iam de Perugia para S.^{ta} Maria dos Anjos.

Em certa altura do caminho, o Santo chama o companheiro e diz: «ó irmão Leão, ainda que os frades menores dessem um exemplo de santidade e de edificação, escreve lá e nota cuidadosamente que isso não é a alegria perfeita».

E continuaram o caminho. Algum tempo depois, o Santo chamou de novo o irmão: — «ó irmão Leão, ainda que o menor fizesse andar os coxos, curasse os aleijados, expulsasse os demónios, desse vista aos cegos, ouvido aos surdos, e palavra aos mudos, e, o que é ainda mais extraordinário, ressuscitasse os mortos de 4 dias, — escreve lá — isto não é ainda a alegria perfeita».

O Santo seguiu por algum tempo as suas meditações, e de repente continuou: — «se um menor soubesse todas as línguas, todas as ciências e todas as escrituras; se tivesse o dom da profecia e pudesse, não só revelar as coisas futuras, mas também o segredo das consciências e das almas, isto não seria ainda a alegria perfeita».

O irmão Leão notava, um pouco espantado todas estas coisas que o Santo lhe mandava escrever.

«Ainda que o menor falasse a língua dos anjos, conhecesse o curso dos astros e soubesse a virtude das plantas, e que todos os tesouros da terra lhe fossem revelados, e que conhecesse as propriedades de tudo — das pedras, das águas, das árvores, dos peixes, das aves, dos homens — isto não seria ainda a alegria perfeita».

E acrescentou a todo este longo discurso esta cúpula final: «ainda que o menor pregasse tão bem, que convertesse todos os infelizes à Fé de Cristo, isso não seria ainda a alegria perfeita».

Tinham assim andado cerca de meia légua, enquanto o Santo ditava e o irmão Leão escrevia.

Então o irmão, muito embaraçado e atônito, diz ao companheiro: «Da parte de Deus te peço que me digas em que consiste a alegria perfeita».

E então o Santo, lentamente, para que Leão compreendesse bem:

«Quando chegarmos a Santa Maria dos Anjos, molhados, tranzidos de frio, morrendo de fome, cobertos de lama; e quando batermos a porta do convento, e o porteiro irritado nos perguntar: — quem sois vós? e nós lhe dissermos: — somos dois irmãos; e ele replicar: — não dizeis a verdade; sois dois vagabundos impossíveis, que andais a roubar o pão dos pobres. Ide-vos embora. E se assim ficarmos para ali à neve e ao frio, cheios de fome, e se nós suportarmos tanta injustiça e dureza, sem perturbação e sem murmurar, pensando com humildade que este porteiro nos conhece bem, e que é Deus que assim o faz falar contra nós, aqui é que está a verdadeira alegria».

E, no caso de nós insistirmos em bater à porta, ele viesse e nos cobrisse de injúrias, chamasse embusteiros e velhaços, nos esbofetasse e nos expulsasse, e se nós suportássemos com paciência, com boa cara, com amor, todos estes maus tratos, — escreve lá irmão — aqui é que está a alegria perfeita. E nota agora, cuidadosamente, a conclusão:

— Acima de todas as graças e de todos os dons do Espirito Santo que Deus concede aos seus amigos, está o dom de se vencer a si mesmo, de se conter voluntariamente, por Caridade, nas penas, nas injúrias, no sofrimento».

Meus irmãos: Este trecho seráfico das Florinhas, encantador e singelo, não é mais do que a tradução daquela inspirada carta de S. Paulo: «Se eu não tiver caridade — nada sou».

E repetimos a frase inicial: — no plano da criação e da Redenção do mundo, o valor dum homem mede-se pela Caridade.

Não tivemos nós motivos de sobra, para nos reunirmos hoje aqui, para nos congratularmos no Senhor com a alegria dum homem que festeja, no altar de Deus, vinte e cinco anos de vida sacerdotal, gastos generosamente ao serviço da Caridade?!

Elevemos ao céu a nossa comovida acção de graças, e cantemos com ele: Te Deum laudamus!

Solene «Te-Deum»

O homenageado presidiu depois ao «Te-Deum», assistido por Mons. Domingos da Apresentação Fernandes como diácono, e Mons. Lopes da Cruz, como sub-diácono.

Serviram como mestres de cerimónias os Rev.^{os} Cônego António Freire e Padre Dr. Sezinando Rosa. Fizeram de assistentes os seminaristas Orlando Ferreira e Manuel Franco Falcão.

O Rev. Padre Dr. Abel Varzim recebeu, depois, na sacristia os cumprimentos de colegas no sa-

cerdócio, assistentes eclesiásticos e dirigentes nacionais, gerais e diocesanos da A. C., e muitos amigos pessoais.

Entre o grande número de pessoas que assistiram às cerimónias, recorda-nos ter visto: Rev.^{os} Mons. Dr. Avelino Gonçalves, director do nosso jornal; Dr. Diamantino Gomes, Dr. Domingos Maurício dos Santos, Padre João Antunes da Costa, Dr. Alvaro Proença, capelão da Casa Pia; Dr. António Rodrigues, capelão da Escola do Exército; o sr. Eng. Carlos Alves, presidente nacional da Liga Católica; a sr.^a D. Maria Adelaide Pereira Leite, pela presidente nacional da Liga Católica Feminina; o sr. Prof. Dr. Gomes da Silva, presidente nacional da Juventude Católica; a sr.^a Condessa de Almoester, presidente geral da Liga Independente Católica Feminina; o sr. Dr. Rafael Seruya, vice-presidente da Direcção Diocesana da Acção Católica; Eng. Coelho de Almeida, da L. A. C.; Eng. Correia Mendes, D. Júlia Guedes, presidente nacional da J. C. F.; Padre Valdemiro Leal, D. Lídia Cabeça, Dr. Américo Santa Marta, Padre Dr. Jacinto Reis, por si e pelo Dr. Jaime Pádua Pereira; muitos sacerdotes e numerosas senhoras.

A parte coral esteve a cargo da J. I. C. F., dirigida pela filha do sr. Embaixador do Brasil.